

233

DESEMPENHO REPRODUTIVO DE FÊMEAS SUÍNAS DE ACORDO COM O TIPO DE PIPETA USADA NA INSEMINAÇÃO INTRA-UTERINA. *Alisson Carlos Tedesco Schmidt, Gustavo Nogueira Diehl, Angela C da Silva, Diogo Magnabosco, Vinícius Severo Silveira, Anamaria J Vargas, Mari Lourdes Bernardi, Fernando Pandolfo Bortolozzo, Ivo Wentz (orient.) (UFRGS).*

Com a intensificação cada vez maior da suinocultura, a procura por tecnologias que permitam reduzir custos de produção tem aumentado. Uma delas é a inseminação intra-uterina (IAU), que permite reduzir o número de espermatozoides/fêmea/ano, reduzindo o custo da inseminação (IA) além de potencializar o uso de machos melhoradores. Estudos demonstraram não haver prejuízos produtivos com o emprego desta técnica, comparados à IA tradicional. Porém seu uso esbarra no custo da pipeta e na dificuldade de aplicação em leitões e primíparas. O objetivo do trabalho foi testar um modelo mais simples de pipeta para IAU. Foram usadas 423 porcas, com ordem de parto (OP 1-9), intervalo desmame-estro (1-6 dias), duração da lactação (13-29 dias) e média do tamanho da leitegada nos partos anteriores de 12 leitões. Estas foram distribuídas em dois tratamentos, T1: IAU com modelo novo de pipeta (extremidade não fixada na cérvix) e T2: IAU com pipeta modelo Verona (fixada na cérvix), ambas descartáveis. Para compará-las, considerou-se: dificuldade para realizar IAU (baixa, média e alta), tempo de realização, sangramento após IAU, refluxo durante IAU, taxas de retorno ao estro (TR), prenhez (TPR) e parto ajustado (TPA), número de leitões nascidos (NT). Em cada tratamento, as fêmeas foram divididas em categorias de OP (=1 e >1). Foram inseminadas com 1 bilhão de espermatozoides em intervalos de 24hs. A passagem do catéter pela cérvix foi possível em 95, 9% das fêmeas. Quanto à dificuldade, não houve diferença entre os tratamentos, sendo baixa na maioria das fêmeas (T1=72, 7% e T2=69, 4%). Houve diferença entre as OP, ocorrendo maior dificuldade nas OP=1. TR, TPR e NT não diferiram entre os tratamentos. Constatou-se maior comprometimento reprodutivo nas OP=1 do T1. É possível concluir que o uso da nova pipeta em primíparas deve ser cauteloso. Por outro lado mostrou-se viável em pluríparas, possibilitando reduzir custos de produção. (PIBIC).